

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

RELAÇÃO ENTRE O APOIO EMOCIONAL FAMILIAR E A INSEGURANÇA ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Adriana Vieira Andrade
Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA), Boa Vista–RR.
https://orcid.org/0009-0007-0171-1129
E-mail: dryk_vieira_24@hotmail.com

Danielle Santana Araújo
Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA), Boa Vista–RR.
https://orcid.org/0009-0008-2131-6537
E-mail: daniellesantana2808@gmail.com

Erika Sousa Dorico Santana
Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA), Boa Vista–RR.
https://orcid.org/0009-0008-3352-1933
E-mail: eriika.santana814@gmail.com

Gabriella Matias da Silva
Professora da Unama Especialista em Terapia Cognitiva, Educação Especial e Psicomotricidade, Neuropsicologia, Psicologia Clínica, Psicologia Jurídica e Psicologia Organizacional.
https://orcid.org/0009-0009-5192-0898
E-mail: gabriellamatiaspsi@hotmail.com

DOI-Geral: http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N4
DOI-individual: http://dx.doi.org/10.47538/ra-2026.V5N4-33

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre o apoio emocional familiar e as experiências de insegurança escolar na adolescência, por meio de uma revisão narrativa da literatura científica publicada em periódicos brasileiros entre 2015 e 2026. A discussão aborda o apoio familiar como parte das redes de suporte social e considera sua relação com autoestima, engajamento escolar, acolhimento, pertencimento e situações de violência. O levantamento bibliográfico exploratório identificou estudos nacionais sobre suporte social e engajamento escolar, saúde mental de adolescentes, relações familiares, bullying, cyberbullying e acolhimento no ambiente escolar. As publicações analisadas apresentam perspectivas complementares e, por vezes, tensas: algumas indicam que o apoio familiar e social pode favorecer o engajamento e atenuar efeitos de adversidades; outras evidenciam que a violência, a coerção e a fragilidade dos vínculos podem ampliar situações de vulnerabilidade. Os estudos também destacam que o suporte de professores e pares e as práticas institucionais de acolhimento exercem papel relevante. Conclui-se que a insegurança escolar não pode ser atribuída exclusivamente à família ou ao adolescente, pois resulta da interação entre fatores pessoais, familiares, relacionais e institucionais. Defende-se a construção de estratégias articuladas de cuidado, escuta e prevenção de violências.



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

PALAVRAS-CHAVE: Apoio emocional familiar. Adolescência. Insegurança escolar. Saúde mental. Relação família-escola.

THE RELATIONSHIP BETWEEN EMOTIONAL SUPPORT FROM FAMILY AND SCHOOL INSECURITY DURING ADOLESCENCE: A NARRATIVE LITERATURE REVIEW

ABSTRACT: This article aims to discuss the relationship between family emotional support and experiences of school insecurity during adolescence through a narrative review of scientific literature published in Brazilian journals between 2015 and 2026. The discussion addresses family support as part of broader social support networks and considers its relationship with self-esteem, school engagement, welcoming practices, belonging, and violence. The exploratory literature survey identified Brazilian studies on social support and school engagement, adolescent mental health, family relationships, bullying, cyberbullying, and welcoming practices in schools. The publications present complementary and sometimes conflicting perspectives: some indicate that family and social support may promote engagement and mitigate the effects of adversity, while others show that violence, coercion, and fragile relationships may increase vulnerability. Studies also highlight the relevant role of teacher and peer support and institutional welcoming practices. It is concluded that school insecurity cannot be attributed exclusively to the family or to the adolescent, as it results from interactions among personal, family, relational, and institutional factors. Coordinated strategies of care, listening, and violence prevention are therefore needed.

KEYWORDS: Family emotional support. Adolescence. School insecurity. Mental health. Family-school relationship.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do desenvolvimento marcado por transformações físicas, emocionais e sociais, no qual se ampliam as experiências de convivência, a construção da identidade e a busca por autonomia. Essas mudanças ocorrem em contextos relacionais concretos, entre os quais a família e a escola ocupam lugar significativo. Compreender o bem-estar emocional nessa etapa exige considerar não apenas características individuais, mas também a qualidade dos vínculos e das condições de participação nos diferentes ambientes frequentados pelos adolescentes.

A família pode constituir uma importante fonte de apoio emocional quando oferece escuta, acolhimento, disponibilidade e orientação diante de dificuldades. Entretanto, as relações familiares também podem ser atravessadas por conflitos, práticas coercitivas, violência e dificuldades de comunicação. Estudos brasileiros mostram que a

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

família não deve ser compreendida de maneira idealizada: suas relações podem oferecer proteção, mas também podem estar associadas a experiências de vulnerabilidade (Leite et al., 2024; Silva et al., 2021).

A escola, por sua vez, não se limita à transmissão de conteúdo. Trata-se de um espaço de socialização, construção de vínculos e reconhecimento, no qual os adolescentes podem experimentar pertencimento e acolhimento, mas também conflitos, exclusão, violência e medo de exposição. Fabi et al. (2025) identificaram que adolescentes associam o acolhimento escolar a relações positivas, respeito e participação em atividades significativas.

A insegurança escolar, neste artigo, é compreendida como uma experiência subjetiva que pode envolver receio de julgamento, medo de errar ou de se expor, dificuldade de participar das atividades, sensação de não pertencimento e percepção de pouca proteção nas relações escolares. Não se trata de uma categoria diagnóstica, mas de uma expressão descritiva de vivências que podem variar conforme as relações interpessoais e o contexto institucional.

Diante desse cenário, formula-se a seguinte questão norteadora: como a literatura científica publicada em periódicos brasileiros entre 2015 e 2026 aborda a relação entre o apoio emocional familiar e as experiências de insegurança no ambiente escolar durante a adolescência? O objetivo geral é discutir essa relação a partir de produções científicas nacionais. Especificamente, busca-se compreender o apoio emocional familiar como possível fator de proteção; discutir aspectos emocionais e relacionais associados à insegurança escolar; e analisar a importância da articulação entre família, escola e redes de apoio para a promoção da saúde mental de adolescentes.

A relevância do estudo está na possibilidade de reunir contribuições da Psicologia e da educação para uma compreensão contextualizada das experiências adolescentes. Além disso, a discussão pode contribuir para reflexões sobre práticas de acolhimento, fortalecimento de vínculos e cooperação entre família, escola e serviços de atenção psicossocial.



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

REFERENCIAL TEÓRICO

APOIO EMOCIONAL FAMILIAR E REDES DE PROTEÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

O apoio emocional familiar pode ser entendido como a disponibilidade de relações nas quais o adolescente encontra escuta, compreensão, validação de sentimentos e auxílio diante de situações difíceis. Esse apoio não depende exclusivamente da configuração familiar, mas da qualidade dos vínculos, da comunicação e da possibilidade de estabelecer relações de confiança. Assim, a análise não deve pressupor que determinado arranjo familiar seja, por si só, protetivo ou prejudicial.

Na perspectiva que reconhece a contribuição do suporte familiar, Coelho e Dell'Aglio (2018), em estudo com 504 adolescentes do ensino médio, verificaram que o suporte da família contribuiu para explicar o engajamento comportamental e cognitivo. Os autores também identificaram participação importante do suporte de professores e pares, indicando que a experiência escolar é influenciada por uma rede de relações, e não por uma única fonte de apoio.

Andrade, Oliveira e Avanci (2025), em estudo transversal com 1.117 adolescentes escolares, identificaram que o apoio social mediou parte da associação entre experiências adversas na infância e sintomas depressivos. O resultado sugere que as redes de apoio podem atenuar impactos de adversidades, embora não permita atribuir esse efeito exclusivamente à família, pois o conceito de apoio social abrange diferentes fontes relacionais.

Em contraponto a uma leitura simplificada do papel familiar, Paixão, Patias e Dell'Aglio (2018), ao investigarem 359 adolescentes, não encontraram diferenças de autoestima segundo a configuração familiar. Esse achado recomenda cautela diante de interpretações que associam automaticamente determinado arranjo familiar a melhores ou piores condições emocionais. Para as autoras deste artigo, o foco deve recair sobre a qualidade das relações, a presença de apoio e as condições concretas de convivência, e não sobre julgamentos prévios acerca da composição familiar.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

ADOLESCÊNCIA, SAÚDE MENTAL E VULNERABILIDADES EMOCIONAIS

As experiências emocionais na adolescência são influenciadas por condições sociais, econômicas, culturais e relacionais. A exposição a adversidades pode se acumular e produzir efeitos em diferentes dimensões da vida. Andrade, Oliveira e Avanci (2025) observaram associação entre o acúmulo de experiências adversas e maior ocorrência de sintomas depressivos, identificando também a contribuição mediadora do apoio social.

Leite et al. (2024), em revisão de escopo que reuniu 19 estudos, identificaram repercussões psicossociais do sofrimento mental de adolescentes nas relações familiares. Os autores organizaram os achados em categorias que incluem repercussões no bem-estar subjetivo, repercussões emocionais desfavoráveis e repercussões sociais. O estudo evidencia que o sofrimento de um adolescente pode repercutir em todo o sistema familiar, produzindo tanto mobilização e fortalecimento de vínculos quanto tensões, desunião, coerção e dificuldades de comunicação.

Na compreensão das acadêmicas, esses resultados indicam uma relação de mão dupla: a família pode ser fonte de apoio, mas também pode vivenciar sobrecarga e conflitos diante do sofrimento adolescente. Por isso, não é adequado responsabilizar exclusivamente os familiares, tampouco desconsiderar situações em que práticas familiares prejudiciais contribuem para a vulnerabilidade. A análise deve considerar o contexto socioeconômico, o acesso a serviços e a existência de outras redes de apoio.

INSEGURANÇA ESCOLAR, ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO

O ambiente escolar pode favorecer o desenvolvimento emocional quando oferece relações respeitosas, oportunidades de participação e condições para que os estudantes expressem suas necessidades. Em contrapartida, situações de violência, discriminação, conflitos entre pares e relações autoritárias podem comprometer a percepção de segurança. A insegurança escolar pode manifestar-se por retraimento, receio de exposição, dificuldade de pedir ajuda e sensação de não ser reconhecido pelo grupo.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

Fabi et al. (2025), em pesquisa participativa com 22 adolescentes de uma escola pública paulista, identificaram que o acolhimento foi associado pelos estudantes a relações positivas, respeito e atividades prazerosas em espaços adequados. O estudo destaca a importância de ouvir os próprios adolescentes na construção de estratégias de promoção da saúde mental na escola.

Silva et al. (2021), em estudo com 1.402 estudantes do Recife, identificaram associação entre a prática de bullying e violências sofridas no ambiente escolar, entre pares e no contexto familiar. De forma complementar, Malta et al. (2024), utilizando dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, observaram maior prevalência de cyberbullying entre adolescentes que relataram não sentir que alguém se preocupava com eles e entre aqueles que sofriam agressão dos pais; a supervisão parental no tempo livre apareceu associada a menor prevalência.

Esses estudos não medem diretamente a insegurança escolar em todas as suas dimensões, mas evidenciam a conexão entre experiências de violência, percepção de cuidado e relações escolares. Para as acadêmicas, tais achados reforçam que a insegurança não deve ser interpretada apenas como timidez ou dificuldade individual de socialização: ela também pode expressar condições relacionais e institucionais que dificultam a participação e o sentimento de pertencimento.

É necessário, contudo, evitar generalizações. A presença de violência familiar não significa que todo adolescente vivenciará bullying, assim como o apoio parental não garante a ausência de conflitos escolares. Os estudos apontam associações e fatores relacionados, não relações causais simples. A escola, portanto, deve assumir responsabilidade própria na prevenção de violências e na construção de ambientes inclusivos.

RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

A relação entre família e escola pode ampliar as possibilidades de acompanhamento e acolhimento dos adolescentes, desde que seja construída com diálogo, respeito e reconhecimento das diferentes responsabilidades de cada contexto.

Albuquerque e Aquino (2018), em levantamento da literatura sobre Psicologia Escolar e relação família-escola, identificaram tensões e conflitos nessa relação e apontaram escassez de estudos sobre intervenções de psicólogos escolares voltadas a essa articulação.

Pinto (2022), ao analisar a produção publicada na Revista Psicologia Escolar e Educacional entre 1996 e 2020, identificou que, em um universo de 692 artigos, 31 abordavam questões relacionadas à relação família-escola. O autor organizou as discussões em eixos como parceria, violência, queixa escolar, dificuldades de aprendizagem e educação especial. O levantamento aponta que a relação entre esses contextos é relevante, mas ainda recebe atenção limitada em parte da produção científica examinada.

Coelho e Dell'Aglio (2018) acrescentam que o suporte de professores e pares também contribui para o engajamento escolar. Em seus resultados, o suporte dos professores teve contribuição destacada para o engajamento emocional, enquanto o suporte familiar se mostrou preditor do engajamento comportamental e cognitivo. Esse resultado relativiza a ideia de que o apoio familiar, isoladamente, seja suficiente para explicar a participação escolar.

Na avaliação das acadêmicas, a parceria entre família e escola deve ser compreendida como corresponsabilidade, não como transferência de obrigações. Famílias podem enfrentar jornadas de trabalho extensas, dificuldades de acesso ou experiências anteriores de estigmatização que limitam sua participação. A ausência em reuniões ou atividades escolares não deve ser interpretada automaticamente como desinteresse. Cabe à instituição criar formas acessíveis, respeitosas e flexíveis de comunicação, mantendo a responsabilidade por garantir um ambiente seguro.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo. A revisão narrativa foi escolhida por possibilitar a discussão interpretativa de produções científicas relacionadas ao apoio emocional

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

familiar, à adolescência, à saúde mental e às experiências escolares, sem a pretensão de esgotar toda a produção existente ou realizar metanálise.

O recorte temporal definido compreende publicações de 2015 a 2026, considerando artigos publicados em periódicos científicos brasileiros. O levantamento exploratório foi realizado em outubro de 2026 e considerou buscas nas plataformas SciELO, PePSIC e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de consultas complementares aos portais dos periódicos científicos brasileiros.

Foram utilizados, de forma combinada, os seguintes termos de busca: “adolescência”, “apoio familiar”, “apoio social”, “relações familiares”, “saúde mental”, “escola”, “acolhimento escolar”, “relação família-escola”, “bullying” e “engajamento escolar”. Foram priorizadas publicações com foco em adolescentes e pertinência para pelo menos uma das dimensões centrais do tema: relações familiares, suporte social, saúde mental, acolhimento ou contexto escolar.

Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos científicos publicados entre 2015 e 2026 em periódicos brasileiros, com texto ou resumo disponível em português e pertinência temática para a questão norteadora. Foram excluídos materiais sem relação com o objeto e publicações sem identificação bibliográfica suficiente. A seleção foi orientada pela pertinência temática e pela contribuição conceitual dos trabalhos para a discussão.

Por se tratar de revisão narrativa, a seleção não foi conduzida como revisão sistemática, não houve protocolo de registro, dupla triagem independente ou cálculo de risco de viés. O material selecionado foi lido de forma interpretativa e organizado em quatro eixos: apoio emocional familiar e redes de proteção; saúde mental e vulnerabilidades na adolescência; acolhimento e pertencimento escolar; e relação família-escola. Algumas revisões publicadas em periódicos brasileiros sintetizam também estudos internacionais; quando utilizadas, essa característica é explicitada na análise, sem apresentá-las como evidência exclusivamente produzida com amostras brasileiras.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de publicações analisadas não apresenta uma interpretação única sobre o papel da família na experiência escolar dos adolescentes. Parte dos estudos enfatiza a contribuição do suporte familiar e social para o engajamento e para a proteção diante de adversidades; outra parte evidencia que a violência, a coerção e as fragilidades relacionais podem ampliar situações de vulnerabilidade. Essa diversidade de resultados é importante para evitar uma compreensão idealizada da família ou uma explicação individualizante da insegurança escolar.

Na direção que reconhece a contribuição do apoio, Coelho e Dell'Aglio (2018) identificaram que o suporte familiar contribuiu para explicar o engajamento comportamental e cognitivo de adolescentes do ensino médio. Andrade, Oliveira e Avanci (2025) também observaram que o apoio social mediou parte da associação entre experiências adversas e sintomas depressivos. Em conjunto, esses estudos sustentam a relevância das redes de apoio, mas não demonstram que a família, isoladamente, determine o bem-estar ou o desempenho escolar.

Há, entretanto, resultados que relativizam essa interpretação. No estudo de Coelho e Dell'Aglio (2018), o suporte de professores teve contribuição destacada para o engajamento emocional, e o suporte dos pares também explicou dimensões do engajamento. Paixão, Patias e Dell'Aglio (2018), por sua vez, não identificaram diferenças de autoestima segundo a configuração familiar. Esses achados indicam que o apoio familiar é relevante, mas precisa ser compreendido em articulação com outras relações e sem presumir que a estrutura familiar determine, por si só, a experiência emocional do adolescente.

Na análise das acadêmicas, o ponto central não é estabelecer uma hierarquia fixa entre família, professores e colegas, mas reconhecer que diferentes fontes de apoio podem exercer funções complementares.

Um adolescente pode encontrar acolhimento em um professor ou amigo mesmo quando enfrenta dificuldades em casa; da mesma forma, vínculos familiares positivos

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

podem oferecer sustentação diante de conflitos escolares. A rede de proteção deve ser considerada em sua pluralidade.

Os estudos que abordam violência e bullying introduzem um contraponto necessário. Silva et al. (2021) identificaram associação entre a prática de bullying e violências sofridas na escola, entre pares e no contexto familiar. Malta et al. (2024) encontraram maior prevalência de cyberbullying entre escolares que relataram não sentir que alguém se preocupava com eles e entre aqueles que sofriam agressão dos pais.

Costa et al. (2023), em revisão sistemática publicada em periódico brasileiro, analisaram 48 estudos empíricos nacionais e internacionais e observaram que o contexto familiar foi associado tanto a fatores de proteção quanto, principalmente, a fatores de risco para o envolvimento com bullying.

É importante delimitar o alcance desses resultados. Bullying e cyberbullying não são sinônimos de insegurança escolar, embora possam contribuir para experiências de medo, exclusão e desproteção. Além disso, os estudos transversais identificam associações, mas não permitem afirmar, isoladamente, que determinada experiência familiar cause uma conduta ou sentimento escolar. A revisão de Costa et al. (2023), embora publicada no Brasil, inclui pesquisas de diferentes países; por isso, é utilizada como síntese complementar, e não como evidência exclusivamente nacional.

Leite et al. (2024) também demonstram que as relações familiares podem ser afetadas por repercussões emocionais favoráveis e desfavoráveis diante do sofrimento mental de adolescentes. A revisão de escopo reuniu 19 estudos e identificou, entre outros aspectos, fortalecimento da comunicação e união familiar, mas também desunião, coerção, estigma e dificuldades nas relações. Esse conjunto de achados reforça que a família não deve ser classificada de modo absoluto como protetora ou prejudicial: a qualidade das interações e as condições de suporte são determinantes para compreender cada situação.

Na perspectiva das acadêmicas, o acolhimento escolar precisa ser entendido como responsabilidade institucional, e não como consequência automática de uma boa estrutura familiar. Fabi et al. (2025) mostram que os adolescentes associam acolhimento a relações

positivas, respeito e participação em atividades significativas. Albuquerque e Aquino (2018) e Pinto (2022), por sua vez, apontam tensões e lacunas na produção sobre a relação família-escola. Assim, a escola precisa criar espaços de escuta, prevenir discriminações e violências e desenvolver estratégias de aproximação com as famílias sem culpabilizá-las.

Em síntese, a literatura brasileira consultada permite sustentar três argumentos: o apoio familiar pode atuar como fator de proteção, mas não é invariavelmente protetivo; o acolhimento escolar pode fortalecer o pertencimento, mas depende de práticas institucionais concretas; e a segurança emocional na adolescência resulta da interação entre fatores individuais, familiares, relacionais e sociais. A principal contribuição desta revisão é defender uma leitura não determinista, que reconheça simultaneamente os recursos e os limites dos diferentes contextos de convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão narrativa permitiu discutir a relação entre apoio emocional familiar e experiências de insegurança escolar na adolescência a partir de publicações científicas brasileiras entre 2015 e 2026. Os estudos consultados indicam que o suporte familiar e social pode contribuir para o engajamento e para a proteção diante de adversidades, mas também demonstram que relações marcadas por violência, coerção e dificuldades de comunicação podem ampliar situações de vulnerabilidade.

Os resultados também mostram que a escola possui papel próprio na promoção da saúde mental. O acolhimento, o respeito, a participação dos estudantes e o suporte de professores e pares podem favorecer o sentimento de pertencimento. Portanto, a insegurança escolar não deve ser atribuída exclusivamente à família ou ao adolescente, pois envolve fatores relacionais e institucionais.

Como limitação, destaca-se o caráter narrativo e exploratório do levantamento, que não pretende esgotar a produção científica nem estabelecer relações causais. Além disso, parte das publicações aborda fenômenos relacionados, como bullying, cyberbullying, engajamento e sintomas depressivos, sem investigar diretamente a insegurança escolar tal como definida neste artigo. Essa lacuna reforça a necessidade de

pesquisas brasileiras que examinem de forma específica a relação entre apoio emocional familiar e segurança subjetiva no ambiente escolar.

Conclui-se que a promoção da segurança emocional na adolescência exige ações articuladas entre família, escola e redes de apoio, respeitando a diversidade das configurações familiares e as condições concretas de vida dos adolescentes. Defende-se que práticas de escuta, acolhimento e prevenção de violências sejam construídas com participação dos próprios jovens, evitando julgamentos e explicações simplificadoras

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de; AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. **Psicologia escolar e relação família-escola:** um levantamento da literatura. Psico-USF, v. 23, n. 2, p. 307-318, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-82712018230210.

ANDRADE, Célia Regina de; OLIVEIRA, Raquel de Vasconcellos Carvalhaes de; AVANCI, Joviana Quintes. **Sintomas depressivos de adolescentes escolares:** efeito cumulativo de eventos adversos e mediação do apoio social. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 28, e20250019, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-549720 250019.2.

COELHO, Clara Cela de Arruda; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Engajamento escolar:** efeito do suporte dos pais, professores e pares na adolescência. Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 3, p. 621-629, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-35392018038539.

COSTA, Beatriz Lima; MACHADO, Mônica Sperb; FRIZZO, Giana Bitencourt; BOSA, Cleonice Alves**. A relação entre o contexto familiar e o envolvimento com bullying escolar:** uma revisão sistemática. Psico, v. 54, n. 1, e37630, 2023. DOI: https://doi.org/ 10.15448/1980-8623.2023.1.37630.

FABI, Rafaela Mancini; GASPARINI, Danieli Amanda; MARTINEZ, Nathalia Vitória de Carvalho; CARLOS, Diene Monique; CID, Maria Fernanda Barboza. **Adolescências, escola e saúde mental:** o acolhimento na perspectiva de estudantes de uma escola pública. Pro-Posições, v. 36, e2025c0801BR, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2024-0069BR.

LEITE, Roberto Corrêa et al. **Repercussões psicossociais do transtorno mental em adolescentes nas relações familiares:** revisão de escopo. Cogitare Enfermagem, v. 29, e94004, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/ce.v29i0.94004.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Cyberbullying entre escolares brasileiros:** dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019. Ciência & Saúde Coletiva, v. 29, n. 9, e19572023, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.19572023.



REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.5, n.4 out/dez. 2026 DOI: 10.47538/RA-2026.V5N4
ISSN: 2965-0003

PAIXÃO, Raquel Fortini; PATIAS, Naiana Dapieve; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência:** variáveis associadas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 34, e34436, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0102.3772e34436.

PINTO, Alex Barbosa Abreu. **A relação família-escola nas publicações da ABRAPEE:** estado do conhecimento. Revista Psicopedagogia, v. 39, n. 120, p. 458-472, 2022. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220029.

SILVA, Georgia Rodrigues Reis e; LIMA, Maria Luiza Carvalho de; ACIOLI, Raquel Moura Lins; BARREIRA, Alice Kelly. **A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, supl. 3, p. 4933-4943, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.2063 2019.

Submissão: julho de 2026. Aceite: agosto de 2026. Publicação: novembro de 2026.